

## A construção forjada de uma Identidade Nacional: Brasil - 1808 - 1930

Hugo Mendes Miranda \*

João Gabriel do Nascimento \*\*

Kerley Cristina Braz Amâncio \*\*\*

Natasja Landim Ferreira Alves \*\*\*\*

### Resumo

Este artigo visa tentar demonstrar como o quebra-cabeça do nacional foi montado. É notório que há pretensões presentes por trás desse modelo de identidade e que esses moldam uma memória nacional. Portanto, o que pretendemos questionar, é se o que são convencionou como identidade é legitimamente brasileiro ou não passa de uma moldura que esconde em sua tela um emaranhado de interesses.

**Palavras - Chave:** Identidade; Nacional; Miscigenação; Cultura e Etnia.

### Abstract

This article is trying to show the nacional puzzle the way that it was mounted in a different point of view. Behind this striking model of identity, have some propourses that consist of a kind of nacional memory that moulded the way we call national identity. Therefore what we intend here will be discussed how identity was legitimately brazilian or if this was not only one frame that hide your content in a cauldron of interests.

**Keywords:** Identity; National; Miscegenation; Culture and Ethnicity

---

\* Graduando do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia – MG.

\*\* Graduando do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia – MG e estagiário do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da mesma instituição.

\*\*\* Graduanda do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia – MG.

\*\*\*\* Graduanda do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia – MG.

## Introdução

Contextualizando o processo histórico anterior à vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, notam-se fatores externos que culminaram em tal fato. Portugal, administrado por D. João VI, sofria pressões da França e Inglaterra, conflituosas entre si, já que Napoleão Bonaparte, representante francês, queria o rompimento das relações entre portugueses e ingleses, e ao não ter êxito em seu objetivo, invade Portugal. Com isso, a Família Real Portuguesa e uma comitiva com cerca de quinze mil pessoas fugiu para o Brasil no dia 29 de novembro de 1807. A partir daí o país passou por profundas modificações políticas, sociais e econômicas.

Sabemos que as sociedades e culturas possuem características que as diferem umas das outras e que essas formam aquilo que se convencionou chamar de identidade. Segundo Renato Ortiz, “*dizer que somos diferentes não basta, é necessário mostrar em que nos identificamos*”.<sup>1</sup> Entretanto temos conhecimento de que todo fato é construído historicamente e que este precisa lidar com a memória coletiva. Isso não foi diferente com a Identidade Nacional. Os primeiro esboços dessa construção foram marcados pelas teorias vindas da Europa, como as teorias raciais, etnocentristas e as idéias progressistas, evolucionistas, positivistas e darwinismo social.

Falar da Identidade Nacional significa falar de uma construção de um Estado e da participação popular do mesmo:

O Estado manipula a categoria de memória nacional no interior de um quadro de racionalização da sociedade. Esta memória lhe possibilita, por um lado, estabelecer uma ponte entre o presente e o passado, o que legitima uma história de um Brasil sem rupturas e violência. Por outro lado, ela se impõe como memória coletiva, isto é, como um mito unificador do ser e da sociedade brasileira.<sup>2</sup>

Falar da identidade significa, para nós, falar também de como ela foi forjada, pois, com a absorção de idéias e teorias européias pode-se concluir que sua formação foi e continua sendo feita através do estrangeiro. Cabe então a alguns intelectuais sugerirem um novo pensamento, baseado em costumes e aspectos culturais, denunciando o traço do caráter brasileiro de transformar o Brasil em um espaço de imitação.

---

<sup>1</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 3a ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 08.

<sup>2</sup> Ibid. , p. 124.

*“Meu país, essa parte de mim fora de mim  
constantemente a procurar-me.  
(...)  
Por que Brasil e não  
outro qualquer nome de aventura?  
Brasil fiquei sendo serei sendo  
nas escritas do sangue”.*  
(Carlos Drummond De Andrade, “Canto Brasileiro”).

## **1 – A chegada da Família Real Portuguesa e seu contexto**

A frota, com a real família dispersou-se em meio da viagem. Parte chegou ao Rio de Janeiro; mas o príncipe aportou à Bahia em 22 de janeiro (1808), contente de pisar terra americana, calorosamente recebido pelas autoridades e pelo povo, honrado e festejado como se estivesse nos grandes dias do seu govêrno, não nos piores e mais graves da história portuguesa<sup>3</sup>. Desembarcou a 23, ao lado do capitão-general, o Conde da Ponte, da Câmara, do cabido, rodeado da nobreza, dos comerciantes, dos militares, aplaudido comovidamente pela boa gente e pela onda popular, deslumbrada e lisonjeira; e seguiu diretamente para a catedral, a ouvir o Teo Deum celebrado pelo arcebispo D. Frei José de Santa Escolástica. Compreende-se a alegria geral.<sup>4</sup>

O fator que provocou a mudança da Família Real e da Corte Portuguesa para o Brasil foi a situação em que a Europa se encontrava no início do século XIX. Napoleão Bonaparte, imperador dos franceses, dominava o cenário político europeu, através do imperialismo e tinha como maior inimigo a Inglaterra.

Através do decreto do Bloqueio Continental, Napoleão proibia as nações européias de comercializarem com os ingleses, tentando assim enfraquecê-los. Porém, Dom João VI, príncipe regente de Portugal, adiava o máximo essa exigência francesa, pois tinha interesse em manter contato com a Inglaterra, já que sua economia dependia (e muito) dos negócios com os ingleses.

Para garantir sua soberania, Dom João, no dia 29 de novembro de 1807 (dia anterior à invasão das tropas francesas em Portugal), juntamente com cerca de

---

<sup>3</sup> MORAIS Alexandre José de Mello. *Chorographia Histórica*. Rio de Janeiro: T. I Typ. De Pinheiro & Comp, 1866. 2v. p. 65. Apud. CALMON, Pedro — *História do Brasil*, 7 vols., José Olímpio Editora, 1961.

<sup>4</sup> CERQUEIRA E SILVA, Ignácio Accioli de. *Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia*. 2ª ed. Salvador: Correio Mercantil. 5 vols (1835 a 1843). p. 52 e PINTO, Albano da Silveira; SANCHES DE BAENA, Visconde. *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal*. Lisboa, 1890, VoI. II. p. 338. Apud. CALMON, Pedro — *História do Brasil*, 7 vols., José Olímpio Editora, 1961.

15.000 pessoas, partem para o Brasil, escoltados por navios britânicos até a Bahia e Rio de Janeiro.

Na Bahia Dom João chegou no dia 22 de janeiro de 1808 e ficou por mais de um mês. De lá seguiu para o Rio de Janeiro (despejando os moradores das melhores casas da cidade para hospedar os membros da corte). A chegada de Dom João na colônia beneficiou o papel do Brasil na História, já que aos poucos se pode enxergar uma futura emancipação política e econômica do país.



**Figura 1: *Chegada da Família Real portuguesa ao Rio de Janeiro em 7 de Março de 1808***

Pintura de Geoff Hunt, R.S.M.A. – 1999, Óleo sobre tela, 609 x 914 milímetros.  
Coleção Particular de Kenneth H. Light.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Encontrado em: <http://corvoscaravelas.wordpress.com/2008/02/01/chegada-da-familia-real-portuguesa-ao-brasil/>

## 2 – O início da formação de uma pseudo-identidade brasileira

O Rio de Janeiro não contava com mais de 130.000 habitantes, de costumes inteiramente coloniais e atrasados. Higiene ausente; falta de esgotos, nenhuma remoção de lixo na cidade; nenhuma noção de tais necessidades. Estalão de vida muito modesto e baixo.<sup>6</sup>

É fato dizer que com a chegada da Família Real Portuguesa no Brasil em 1808, a colônia passou por várias mudanças significativas, sejam elas no campo estrutural como no social. Podem-se citar como sendo mudanças o funcionamento de uma Imprensa Régia, a fundação das escolas de cirurgia e medicina (Rio de Janeiro e Bahia), uma livraria (onde é hoje a Biblioteca Nacional), a criação do Jardim Botânico, do Museu Nacional, entre outros. Para a época, essas mudanças foram inovadoras, já que a colônia antes da chegada da Família Real se encontrava em condições precárias.

Tais mudanças tiveram tamanha importância que contribuíram para o início de uma tentativa de formação da chamada “Identidade Nacional”, visto que não é possível nascer com a mesma, pois essa cria e se recria com o passar do tempo, dependendo dos acontecimentos internos e influências externas nos campos social, político e econômico.

Pelo fato dos indivíduos sofrerem influências para formar uma Identidade Nacional, procuram algo que se assemelhe consigo mesmos e que dê um alicerce na tentativa dessa construção, seja esse exterior ou não. De acordo com Renato Ortiz, *“toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior”*.<sup>7</sup>

O significado do termo “identidade”, segundo o dicionário da Língua Portuguesa, entre outras coisas define-se como o aspecto coletivo de um conjunto de características pelas quais algo é definitivamente reconhecível ou conhecido, o que nesse aspecto nos permite concluir a inexistência de uma única identidade, mas sim várias delas, formada por diversos grupos da sociedade em distintas épocas. Segundo Charles Taylor:

Falar da identidade implica, em certo sentido, uma dimensão interpretativa e outra normativa, já que ‘identidade’ designa algo como

---

<sup>6</sup> CALÓGERAS, J. Pandiá. *Formação histórica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, volume 42, 1972. p. 69.

<sup>7</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 3a ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 07.

uma compreensão de quem somos nossas características definitórias fundamentais como seres humanos.<sup>8</sup>

A partir do momento em que há uma busca de identidade em outros costumes e tradições tem-se de forma quase obrigatória a absorção dessa cultura. A cultura brasileira, após a chegada de Dom João VI sofreu impactos, gerando contradições a seu respeito com relação à sua organização. O campo das idéias é bastante afetado, fazendo com que comece um processo de afirmação nacional.

Uma identidade pode ser formada por um conjunto de caracteres, de atitudes e visões de si, que integram a cultura nacional que responde a uma idéia de nação, não necessariamente no âmbito político, mas no sentido de agir como uma referência simbólica de idéias.

É preciso ter consciência de que naquele determinado momento a concepção de nação é relacionada à idéia de pátria, o que complica chegar a uma conclusão do que é a realidade do país, pois o patriotismo transforma esta em mera ilusão.

### **3 – Ações afirmativas formadoras de uma divergência étnica: Um Brasil dividido em três**

Não podemos falar sobre o processo de surgimento de uma nação e conseqüentemente a tentativa de criar uma identidade da mesma sem antes abordar o contexto da Proclamação da Independência do Brasil.

Dom João e a corte portuguesa retornaram à Portugal em 26 de abril de 1821, deixando o príncipe Dom Pedro (seu filho) como representante na regência do país. O Brasil encontrava-se em crise econômica, principalmente pelo fato de a corte ter levado todo o tesouro possível consigo. Dom Pedro então passou a ser pressionado pela corte para que voltasse a Portugal, que faria com que o Brasil de Reino Unido voltasse a ser colônia.

É interessante perceber a resistência, neste ponto, dos habitantes do reino, em especial os do Rio de Janeiro, para que Dom Pedro não abandonasse o Brasil, o que faz com que este, no dia 05 de janeiro de 1822, acalme “seu povo” com a famosa frase: “*Como é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto, diga*

---

<sup>8</sup> TAYLOR, Charles. “A política de reconhecimento”. In: TAYLOR, Charles et.al. *Multiculturalismo*. Lisboa: Piaget, 1998. p.45 – 94.

*ao povo que fico*”. Esse episódio fica conhecido como o dia do Fico, fato importante no processo da Independência do Brasil, além de outros fatores, como as tentativas de recolonização do Brasil, as idéias liberais, a independência das colônias espanholas na América, a ação das lojas maçônicas e também o processo de reino do Brasil, na época de Dom João VI.

Devido a esses acontecimentos, nasce então o espírito de Nação e Pátria, o que nos faz sair do contexto histórico do momento e dar ênfase nesses termos na formação da identidade do Brasil. Pode-se dizer que a idéia de nação nos é dada a partir da concepção de terra natal, ou seja, pátria. Essa pátria necessita ligar por laços históricos, culturais, econômicos e / ou lingüísticos os diferentes povos que nela vivem num só povo. De acordo com Veloso e Madeira:

A partir da Independência, também começam a emergir na sociedade muitas manifestações que convergem em direção à constituição de uma identidade nacional forte, o que então implicava a formação de um Estado autônomo, capaz de generalizar uma ordem normativa para a sociedade como um todo.<sup>9</sup>

Pode-se dizer que nesse período a idéia que se tem do Brasil é subordinada ao idealismo europeu, já que existem interesses na direção do Estado e na conseqüente formação de teorias para que se organize o mesmo e a sociedade nacional.

“*O imperador precisava dos historiadores para legitimar-se no poder*”.<sup>10</sup> Por isso foi criado em 1838 o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), onde esses intelectuais tinham a tarefa de recriar a história do Brasil em que a nação recém-independente se reconhecesse e orgulhasse de seu passado, criando um modelo de exaltação para as gerações futuras.

Além do modelo para gerações futuras, a história também enaltecia a imagem do branco e europeu. A partir disso, começam a ser incorporadas teorias raciais (vindas da Europa), que atestam a superioridade do branco em relação a outros povos (negros e indígenas).

O que o Brasil queria ser? Eis a primeira questão da identidade (Guimarães, 1988). A resposta de quem podia responder então, isto é, as elites brancas que fizeram a independência: o Brasil queria continuar a

---

<sup>9</sup> VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 69.

<sup>10</sup> REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de vantagem a FHC*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 25.

história que os portugueses fizeram na colônia. A identidade da nova nação não se assentaria sobre a ruptura com a civilização portuguesa; a ruptura seria somente política. Os portugueses são os representantes da Europa, das Luzes, do progresso, da razão, da civilização, do cristianismo. O Brasil queria continuar a ter uma identidade portuguesa, a jovem nação queria prosseguir na defesa desses valores. A outra questão suscitada pela busca da identidade: o que o Brasil não quer ser? A resposta das elites: o Brasil não queria ser indígena, negro, republicano, latino-americano, e não-católico. O que significa dizer: o Brasil queria continuar a ser português e para isso não hesitará em recusar ou reprimir o seu lado brasileiro (...).<sup>11</sup>

Ao abordar as questões raciais e perceber seu emprego no pensamento sociológico como explicação da identidade do brasileiro é notório o racismo (determinismo racial), talvez não predominante, mas, fator positivo para pensar a questão da Identidade Nacional. Os termos “raça” e “meio” tomaram conta do pensamento dos intelectuais brasileiros no fim do século XIX e início do século XX. Podemos dizer que meio e raça foram elementos essenciais na construção real do Brasil.

A neurastenia do mulato do litoral se contrapõem, assim à rigidez do mestiço do interior (Euclides da Cunha); a apatia do mameluco amazonense revela os traços do clima tropical que o tornaria incapaz de atos previdentes e racionais (Nina Rodrigues). A história brasileira é, desta forma, apreendida em termos deterministas, clima e raça explicando a natureza indolente do brasileiro, as manifestações túbias e inseguras da elite intelectual, o lirismo quente dos poetas da terra, o nervosismo e a sexualidade desenfreada do mulato.<sup>12</sup>

Tratando dessa questão de etnias no Brasil, constituída pela raça branca, indígena e negra, abordamos então a mistura das três, o surgimento do mestiço, ou seja, do Brasil *cadinho*. O branco é colocado como elemento superior na construção da sociedade civil brasileira. Essa definição de raça foi utilizada para analisar a diversidade cultural. A partir dela surgiram as teorias raciais, em que a miscigenação passou a ser analisada e exposta de maneira negativa.

De acordo com alguns desses teóricos raciais, o pior das raças era a miscigenação, já que através dela perdia-se a pureza das raças, não existindo mais a superioridade daquela que seria a alavanca do desenvolvimento do país, ou seja, a branca.

---

<sup>11</sup> Ibid., p. 31-32.

<sup>12</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 3a ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 16.



Segundo os modelos da época, pior do que ‘as raças puras e inferiores’, eram as raças mestiças, já que da mistura de espécies muito diferentes só poderia surgir produtos absolutamente degenerados.<sup>13</sup>

Associa-se então o termo “mestiço”, através de seus aspectos físicos, como a cor da pele, tamanho do crânio, tipo de cabelo, entre outros, aos aspectos morais que os diferenciam das outras raças, como a pré-disposição a determinadas patologias, crimes e outros fatores negativos, generalizando um determinado ser ao seu grupo, esquecendo então da individualidade.

Os intelectuais estabeleceram um quadro de características raciais que colocavam o branco com uma propensão superior no âmbito intelectual e de criatividade enquanto as demais etnias (negra e indígena) se destacavam somente pela sexualidade aflorada e pelos seus trabalhos. Para tanto, esses teóricos estabeleceram uma solução para o “mal das raças”, que era a *eugenia* (geração boa), ou seja, a geração branca, com a tendência ao branqueamento das outras gerações e para isso estimulava-se a união ou o isolamento de determinados indivíduos, para que a raça mestiça gradualmente se excluísse da sociedade brasileira.

Com a Abolição da Escravatura, o negro, que tinha um papel na sociedade como mão de obra escrava, passa a viver literalmente à margem desta, já que é considerado um cidadão de segunda categoria. Surge então um novo problema, que é a sua integração na vida social brasileira, pois, a partir desse momento ele faz parte do fator econômico e social brasileiro que faz com que sua posição seja reavaliada.

O terceiro elemento racial brasileiro, o índio, que no período do Romantismo é despido de suas características reais e colocado como o civilizado europeu, torna-se esquecido, até hoje, como se não fosse o verdadeiro precursor da nossa identidade brasileira, mesmo que alguns não tenham consciência disso.

---

<sup>13</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 172.



**Figura 2: “Retrato príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied com o Botocudo Quack”, de J. Richter, 1828. Coleção Particular de Robert Bosch, Stuttgart -Alemanha.** <sup>14</sup>

#### **4 – Anseios de um novo Brasil: a construção da Identidade Nacional por ele mesmo**

O advento da Primeira Guerra Mundial provoca um abalo na crença da superioridade nos padrões de conduta e dos valores europeus, estimulando a necessidade de redescoberta de um Brasil real, que já se preparava para as rupturas estéticas e políticas da década de 20, quando surgem novas instituições culturais e outras formas de reconhecimento da cultura brasileira, que se assumiu desde então, como mestiça, definida em seus traços singulares e que se pretende inserir automaticamente no contexto das nações. Prepara-se aí o que será considerado um dos movimentos mais originais dessa cultura.<sup>15</sup>

A partir da Primeira Guerra Mundial e com a participação do Brasil lutando contra a Alemanha aumenta-se a necessidade interna de reafirmação da nação para que houvesse um reconhecimento de valores próprios com sentido de exaltação nacional. Essa busca pelo nacional sensibiliza os artistas e intelectuais do país a expressar nas artes em geral elementos de caráter brasileiro, pois antes os mesmo eram influenciados e faziam suas obras com base nas tendências européias.

<sup>14</sup> Encontrando em: <http://alcobacabahia.googlepages.com/seculo19.htm>

<sup>15</sup> VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 88.

Pela primeira vez em nossa história, os intelectuais e artistas assumiram uma atitude positiva diante da diversidade étnica, das contradições e da riqueza cultural, afirmando a força da cultura mestiça que aqui se constituiu. O caráter revolucionário das narrativas e imagens então emergentes revelam um novo patamar, uma nova configuração do pensamento brasileiro, elaborado pelos intelectuais modernistas.<sup>16</sup>

Acontece em Fevereiro de 1922 na cidade de São Paulo, a Semana da Arte Moderna, cujo maior interesse proposto pela elite intelectual da época, era mostrar as novas idéias e tendências nacionais. Havia então uma vontade de divulgar as manifestações da cultura brasileira, porém predominam mais a polêmica do que o acontecimento em si, pelo fato de a elite brasileira da época estar acostumada com os padrões estéticos europeus, esta ficou chocada diante de um Brasil desconhecido.

O modernismo vai ser uma expressão deste novo Brasil. O objetivo de artistas e intelectuais será o de colocar a cultura brasileira coerente com a nova época, além de torná-la um instrumento de conhecimento efetivo de seu país. Esse projeto ambicioso se afirmará no tempo como formador de uma nova consciência cultural brasileira.<sup>17</sup>

Os modernistas tinham a preocupação de afirmar a arte moderna no Brasil. Entretanto essa preocupação passou a assumir uma postura nacionalista, o que nos remete à construção da identidade, pois esta se caracteriza através dos elementos constituintes de uma sociedade.

Tem-se então a tentativa de realmente constituir uma identidade legítima do Brasil, fato não concluído, alvo de debates atuais, já que na década de 30 surgiram pensadores, como Gilberto Freyre, que continuaram abordando essa temática que residi a uma dificuldade: integrar as diferentes etnias e suas idiossincrasias na sociedade brasileira.

---

<sup>16</sup> VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. op. cit. , p. 89.

<sup>17</sup> A querrela do Brasil: a questão da identidade da arte brasileira: a obra de Tarsila, Di Cavalcanti e Portinari, 1922-1945. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982. p. 38.

## Considerações Finais

Muitos aspectos que estão definidos como formadores de uma identidade nacional podem ser questionados se realmente são brasileiros ou advindo de outros países, adaptados aos costumes e necessidades da sociedade. Há quem diga que somos um país miscigenado, mas se isso é verdade, o que dizer do preconceito? A resposta é dada através das influências europeias que o Brasil sofreu, tornando-se um país de caráter racista que propunha um branqueamento de sua população, tentando assim forjar a sua identidade que se assemelha à da Europa, através do pensamento de “ilustres” intelectuais que defendiam a teoria da eugenia.

Essa inquietação nos faz argumentar e propôr ao leitor como reflexão: Será que a sociedade brasileira se reconhece nesse nacional? Antes da vinda da Família Real Portuguesa já havia uma identidade? A identidade nacional é apenas a do europeu encaixada em caracteres brasileiros? . Tantas são as perguntas que nos perturbam, mas que não deixam dúvidas de que a concepção do nacional movimenta toda uma história de exaltação à pátria.

## Referências Bibliográficas

- A querela do Brasil: a questão da identidade da arte brasileira: a obra de Tarsila, Di Cavalcanti e Portinari, 1922-1945.* Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982.
- CALMON, Pedro — *História do Brasil*, 7 vols., José Olímpio Editora, 1961.
- CALÓGERAS, J. Pandiá. *Formação histórica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, volume 42, 1972.
- CERQUEIRA E SILVA, Ignácio Accioli de. *Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia*. 2ª ed. Salvador: Correio Mercantil. 5 vols (1835 a 1843).
- COSENTINO, Francisco Carlos. (Org.). *1500/2000 Trajetórias*. Belo Horizonte: Unicentro Newton Paiva, 1999.
- Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1989. (1ª ed., em 4ª reimpressão, 1999).
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2002.
- MORAIS, Alexandre José de Mello. *Chorographia Histórica*. Rio de Janeiro: T. I Typ. De Pinheiro & Comp, 1866. 2v.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PINTO, Albano da Silveira; SANCHES DE BAENA, Visconde. *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal*. Lisboa, 1890, Vol. II.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de vantagem a FHC*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- SCHUWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- TAYLOR, Charles. “A política de reconhecimento”. In: TAYLOR, Charles et.al. *Multiculturalismo*. Lisboa: Piaget, 1998. p. 45 – 94.
- VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.